

Cadernos de

# Arqueologia e Património



4/6

Câmara Municipal de Paredes de Coura  
Gabinete de Arqueologia e Património

1995/97



# CADERNOS DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO

N<sup>os</sup> 4, 5 e 6

PAREDES DE COURA - 1995/97  
ISSN: 0872 - 0983

Câmara Municipal de Paredes de Coura

## SUMÁRIO

### EDITORIAL

ANTÓNIO PEREIRA JÚNIOR

### ARTIGOS

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA  
*O Povoado Fortificado de Romarigães -  
Resultados da Campanha de 1992*

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA  
*O Povoado Fortificado de Cossourado:  
Relatório da Primeira Campanha de Es-  
cavações (1993)*

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA  
NICOLAS MARIN DIAZ  
*Os Miliários da IV Via Militar Bracara  
Augusta-Asturica Augusta na área da Bacia  
Superior do Rio Coura*

DAVID BARREIRO MARTÍNEZ  
VICTORIA VILLOCH VÁZQUEZ  
FELIPE CRIADO BOADO  
*Hacia una metodología de evaluación de  
impacto arqueológico: el Plan Eólico de  
Galicia como modelo experimental*

JORGE FERNANDES ALVES  
*Os Combates da Travanca na Restaura-  
ção - Memória e Mitologia*

Página

Página

JOSÉ ANÍBAL MARINHO GOMES  
5 *As Últimas Gerações da Casa de Antas,  
em Rubiães, da Casa do Outeiro, em  
7 Águalonga, e da Casa de Vermoim, em  
Castanheira - Paredes de Coura* 135

### DOCUMENTOS

9 MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA  
*Proposta de Classificação do Povoado  
Fortificado da Portela da Bustarenga* 161

39 MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA  
*Proposta de Classificação do Povoado  
Fortificado de Cossourado ou Forte da  
Cidade* 163

59 CARLOS ALBERTO M. GOUVEIA DA  
SILVA  
MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA  
*Projecto de Musealização e Divulgação do  
Povoado Fortificado de Cossourado -  
Paredes de Coura* 167

### VÁRIA

111 Paula Cristina Pereira de Oliveira  
*Publicações recebidas a título de permuta  
entre 1992 e 1997* 189

127 NORMAS EDITORIAIS 191



# O POVOADO FORTIFICADO DE ROMARIGÃES - RESULTADOS DA CAMPANHA DE 1992

THE HILL FORT OF ROMARIGÃES - CONCLUSIONS OF 1992 EXCAVATION

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA

## RESUMO

Este artigo faz uma resenha sobre os resultados obtidos após o primeiro ano de campanhas arqueológicas (1992) no povoado fortificado de Romarigães.

**Palavras-chave:** Idade do Ferro. Povoado Fortificado. Escavações arqueológicas.

## ABSTRACT

This article describes the conclusions of the first year of excavations (1992) on the hill fort of Romarigães.

**Key words:** Iron Age. Hill fort. Archaeological excavations.

\* Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense; Responsável pelo G. A. P. - Área de Arqueologia; Bolseira do Programa PRAXIS XXI.

Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Av. Rodrigues de Freitas, 339 - 4000 PORTO

### FICHA TÉCNICA:

Desenho de plantas e perfis (campo e gabinete): Fátima Matos Silva;

Desenho de materiais: Paula Cristina Oliveira.

### Colaboradores na escavação arqueológica:

Carlos Gouveia da Silva; Paulo Félix; Manuel Saleiro; Ana Rosa Barros; Antónia Gonçalves; Palmira Azevedo e Silva; Armindo Batata; Carla Rodrigues; Trabalhadores da Secção de Obras da Autarquia de Paredes de Coura e jovens do Projecto Experiência Jovem Voluntariado do Instituto Português da Juventude: Vitor Ramos; Paula Paixão; Carla Ribeiro; Cláudia Gomes; Piedade Rodrigues e Pascoal Carvalho.

## 1. NOTA INTRODUTÓRIA \*\*

A Cidade de Romarigães<sup>(1)</sup> é um dos povoados fortificados mais conhecidos e referenciados do concelho de Paredes de Coura, tendo contribuído para a sua divulgação, entre outros, Narcizo Alves da Cunha, especialmente através da sua monografia concelhia (CUNHA [1909] 1979).

Os trabalhos de escavação arqueológica iniciaram-se em 1992, integram-se no Projecto de Investigação designado "Estudo, Musealização e Divulgação do Povoamento Proto-Histórico e Romanização da Bacia Superior do Rio Coura" e no Projecto de Carta Arqueológica da bacia superior do rio Coura.

A opção pela intervenção arqueológica deste povoado deveu-se a vários factores, decorrentes dos objectivos que temos em vista no referido Projecto de Investigação.

A topografia e tipo de construção das estruturas defensivas, a localização do povoado em vale extenso (na zona mais baixa) da bacia superior do rio Coura e, consequentemente, o facto de ser um dos povoados de menor altitude desta área - um povoado de vale -, despertavam-nos o interesse por um maior conhecimento do

\*\* Em 1994 publicamos uma versão mais alargada deste artigo. No entanto, como esse artigo (SILVA 1994a) é de difícil acesso à população do concelho de Paredes de Coura, e mesmo outra, publicamos agora a parte que nos parece mais interessante, embora com algumas alterações.

(1) Foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 15 de Fevereiro de 1990, por despacho da Secretaria de Estado da Cultura.



mesmo, estimulando dúvidas e hipóteses. A hipotética cronologia, relativamente antiga, era também uma aliciante, assim como a perspectiva (que se viria a revelar falsa) do seu bom estado de conservação.

## 2. A FREGUESIA DE ROMARIGÃES

Fica situada no extremo sudoeste do concelho, a 11 km da sede. Confinha com as freguesias de Coura, Agualonga e Cunha e a sul com o concelho de Ponte de Lima.

Os seus terrenos são extensos e apesar de "o solo ser um tanto frio" (CUNHA, 1909 [1979], 547), produz cereais e tem bons terrenos para agricultura.

As suas origens são remotas. Foi uma das freguesias iniciais do julgado ou "terra" medieval de Fraião, existindo já como paróquia, nos finais do século XII. O seu povoamento é, porém, muito anterior.

A toponímia alude a propriedades de reconquistadores cristãos, a partir do século VIII. O principal topónimo, Romarigães, que ficou a designar a paróquia por nele existir a igreja de Santiago (de fundação, antiquíssima e, na origem, provavelmente "igreja própria"), é de origem germânica (plural em "anes" de *Romarius*) bem como o topónimo Sabariz, genitivo de *Sabarici* "villa", que talvez já existisse em tempos muito anteriores. Esta "villa" pode eventualmente enraizar no povoado fortificado do monte do Penedo do Curral das Éguas, a Cividade de Romarigães.

A este povoado ligou-se a tradição da existência, aqui, de uma cidade destruída há muito, a de Labruja (que outros colocam no povoado da Cidade Murada, na Portela da Labruja). José Augusto Vieira (VIEIRA 1886 [1987], 137) defende ter sido aqui a cidade de *Cauca*, apontando como principal razão o facto de confinar esta freguesia com a de Coura.

O código bracarense de 1056, que alude à divisão dos condados entre o Douro e o Minho, faz principiar um desses condados na Cabeça do Minho e no rio Froilano (rio Coura), indo depois até Pena Maior, sobre a Cividade da Labruja, que já nessa época se chamava Romarigães.

A antiga freguesia era vigararia da apre-

sentação alternada do abade de S. Paio de Agualonga e do arcediago da Labruja.

Os seus moradores, segundo as Inquirições Afonsinas, pagavam anualmente 128 alqueires de pão meado, 8 galinhas e 383 reais em dinheiro, excepto os casais de Moldes e da Igreja. Beneficiou também do foral concedido por D. Manuel em 1515.

Romarigães também teve os seus solares e casas de nomeada, das quais merece particular referências a Casa do Amparo, que Aquilino Ribeiro haveria de imortalizar com o romance "A Casa Grande de Romarigães", e que possui uma capela com "frontaria unica no género em todo o Alto Minho" (SOUTO 1988, 252).

Agro do Monte, Cascalhal, Crasto, Moldes, Outeiral, Outeiro, Portela, Sabariz, Vale, Veiga do Monte e Venda são os lugares que compreende esta freguesia.

## 3. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O povoado situa-se no lugar do Alto da Cidade, freguesia de Romarigães (16.05.19), concelho de Paredes de Coura (16.05) e distrito de Viana do Castelo (16).

Coordenadas Planimétricas:

UTM (v.g. Couto D'Ouro): X = 530.487,96;  
Y = 4.635.801,22

GAUSS: X = 158,2; Y = 544,6

Altitude: 280,18 (v.g. Couto D'Ouro).

Está cartografado no Mapa dos Serviços Cartográficos do Exército, na escala 1/25.000, de 1949, na folha nº 15, e na Carta Geológica de Portugal (escala 1:50.000, folha 1-C, Caminha, 1962).

Segundo a Carta Geológica e respectiva *Notícia Explicativa* (TEIXEIRA 1961), o povoado está situado numa mancha de rochas eruptivas de granito calco-alcalino, porfiróide, de grão grosseiro, também designado granito monzonítico s.l. (granito com muito quartzo e mica).

Nesta região encontram-se também bastantes afloramentos xistentos. São rochas geralmente muito alteradas, de tons amarelados, que se observam em vários locais desta área.

Em relação aos sectores onde foram feitas as sondagens, detectámos, no Sector A e nas zonas onde se escavou até à rocha-mãe, aflo-



ramentos graníticos de grão grosseiro, estando, regra geral, alterado. O Sector B apresenta uma formação geológica mais elaborada, composta por afloramentos de granito de grão grosso, semelhante ao Sector A, com xisto acastanhado, muito alterado. Apenas uma escavação em área permitirá estudos geológicos mais profundos.

Em toda a área oeste do povoado existe uma profusão de locais onde ocorre minério, de entre os quais se destaca o estanho, visto ter uma incidência de mais de 90% dos casos, sendo também o que se encontra mais próximo deste povoado.

Pelo referido se infere da relativa facilidade que teriam os povos habitantes deste povoado e da região na obtenção de matérias-primas, quer para a construção das estruturas do povoado, como para a obtenção de metais para o fabrico de utensilagem diversa.

A abundância de pedra granítica e mesmo de outro tipo (no caso o xisto) suscita-nos ainda mais dúvidas, já alicerçadas no facto de ser caso único na região a construção de estruturas defensivas em terra, em taludes com fosso — em vez das “habituais” em pedra, como de resto é típico nos habitats desta ambiência cronológica — o que aponta, possivelmente, para a antiguidade deste povoado.

O povoado implanta-se numa elevação alongada, de encostas com declive suave, em zona relativamente plana, com cerca de 460 metros de comprimento.

A rede hidrográfica é abundante, sendo o monte contornado por vários afluentes do Coura, que corre a norte. Destaca-se a leste a ribeira da Codeceira, que lhe passa no sopé.

Segundo estudos actuais, está implantado numa estreita e alongada mancha de solo com aptidão florestal (Tipo F), rodeada por uma larga mancha de solo com aptidão agrícola (Tipo A).

Aparentemente, houve uma boa escolha para a implantação do povoado, tendo em conta não só as condições de defesa, mas também os locais com bons recursos naturais, recursos esses que passam pela abundância hídrica, pela proximidade de bons solos e, ainda, pelo fornecimento de matérias primas, nomeadamente a pedra, o metal e o barro. Estas ilações apenas terão algum fundamento caso as condições geográficas actuais sejam de algum modo semelhantes às da época em causa.

#### 4. TOPOGRAFIA E CARTOGRAFIA

O levantamento topográfico foi realizado pelo G.A.T. do Vale do Minho, em 1986, na escala 1:500, aquando da classificação como Imóvel de Interesse Público. No entanto, houve necessidade de reformular a orientação da planta executada de forma a tornar possível a inserção dos sectores escavados na rede geral<sup>(2)</sup>. Desta reformulação constou a ligação da área cartografada à Rede Geodésica Nacional, através do Sistema U.T.M..

A área correspondente à escavação é constituída por dois sectores independentes, posteriormente relacionados cartograficamente: o Sector A, com uma área de 64 m<sup>2</sup> (quadrado de 8 x 8 m), dividido em 16 quadrículas de 2 x 2 m; e o Sector B, com uma área de 40 m<sup>2</sup> (rectângulo de 10 x 4 m), dividido em 10 quadrículas de 2 x 2 m.

O relacionamento cartográfico dos sectores de escavação foi efectuado pelo método do “transporte de coordenadas” da estação central (v.g. Couto d'Ouro) para um dos lados da figura geométrica que define cada um dos sectores. Estes foram munidos de um ponto fixo para cotagem, situado junto ao ponto de origem de cada uma das figuras geométricas (canto SO). As altitudes desses pontos foram determinadas por nivelamento geométrico a partir do vértice geodésico referido (Z = 280,18 metros), situado entre os dois sectores. Assim, a origem altimétrica do Sector A corresponde a 274,74 metros e a do Sector B a 276,28 metros.

#### 5. O POVOADO

O povoado fortificado situa-se no cimo do monte e na sua vertente, sensivelmente entre as cotas 254 e 280,18, representando esta a altitude máxima.

As dimensões do recinto oscilam entre os 240 metros de comprimento e os 175 de largura. O *plateau* central mede cerca de 110 metros de comprimento e 35 de largura, sendo, pois, bastante alongado.

(2) Agradecemos ao Dr. Paulo Félix, do Instituto Politécnico de Tomar, toda a colaboração prestada.



O perfil do monte é aplanado, com uma extensa chã no cimo, rodeada pela primeira linha de muralha, em talude, construída em terra e muito pouca pedra. Em volta, nova zona relativamente plana e o talude externo, que terminaria, talvez, em fosso, mas que, com a erosão provocada quer por razões naturais, quer por razões antrópicas, actualmente quase não é perceptível. Uma futura sondagem nas zonas mais conservadas poderá vir a tornar a situação mais elucidativa.

As linhas de defesa, em número de duas, uma rodeando a acrópole (entre os 270 e 275 metros de altitude) e a outra na encosta de pequeno declive (entre os 260 e 267 metros), formam um circuito fechado, seguindo os contornos do monte. São duplas, em toda a área do monte, excepto a norte, onde se unem numa só, que atinge cerca de 10 metros de altura, enquanto nas restantes partes os taludes têm em média 5 metros de desnível.

Estão relativamente bem conservadas, sobretudo a norte, mas em toda a encosta leste, talvez por razões naturais, a erosão quase apagou os vestígios do talude externo, havendo locais onde se detecta o solo de base com facilidade, estando também o talude interno muito destruído.

A união do talude interno ao externo deve-se ao facto de o lado norte do monte ter muito pouco declive, o que dificultaria a sua defesa. Daí a construção de um talude, quase vertical (ronda os 10 metros de altura), ao qual se unem as duas linhas de defesa. Esta altitude só por si justificava a existência de uma única linha de defesa. No entanto, existe ainda no topo do monte, muito próximo desta área (c. 20 metros), uma espécie de "torreão".

O "torreão" tem um configuração cónica, aberta no lado NE (provavelmente por violadores) e foi construído também em terra com alguma pedra. Na "cratera" avultam pedras aparelhadas de médio a grande porte, de granito (escassas à superfície do povoado), que talvez tenham servido para alguma estrutura de vigia, ou outro tipo de construção que existisse no topo do "torreão" ou, ainda, podem ter pertencido à estrutura construtiva deste.

Tem uma cota máxima de 280,18 metros e mínima de 276,52 (base) o que lhe confere uma altura de 3,66 metros. Possui um diâmetro aproximado (no sentido norte-sul), no topo, de

12,5 metros e na base de 30 metros. O topo que circunda a "cratera" tem, actualmente, uma largura que oscila entre 1 e 1,40 metros.

A entrada do povoado localizar-se-ia a NO, visto existir nesse ponto cardeal, sensivelmente a meio do povoado, um outro talude, como que um outro torreão (com a altitude máxima de 259,55), defendendo uma zona de acesso, actualmente não utilizada pela população local. Forma nesta zona uma terceira linha defensiva.

O "torreão" de vigia fica-lhe a NE e só do topo deste se tem visibilidade perfeita para esta zona, o mesmo acontecendo para o caminhante que se posicionar no centro do caminho traçado (actualmente pouco perceptível), que passa ao lado do talude de defesa da entrada, corta a muralha externa e perde aí o seu "rasto". Está sempre "vigiado" pelo "torreão" e pelo talude da entrada. Todo este traçado é bem perceptível no levantamento topográfico.

Este talude de defesa da entrada passa entre as cotas 254 e 259 e, apesar da erosão que dificulta a sua percepção, apercebemo-nos que se orienta na direcção norte, convergindo para o talude externo, unindo-se a este de modo a vedar o acesso. Este acesso só se faria por um dos lados do talude, a sul, estando assim bem protegido e sendo de fácil defesa.

À superfície não são detectadas construções, sendo a pedra solta muito pouca.

## 6. A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

### 6.1 O Sector A

O Sector A foi implantado numa área relativamente plana, situada entre a muralha interna e a externa, próximo da zona mais alta do povoado, onde hipoteticamente existiria maior potência estratigráfica (o que infelizmente não se verificou).

Após a implantação da quadrícula, iniciaram-se os trabalhos de escavação com a abertura de uma sanja no sentido norte-sul, de um metro, no lado oeste dos quadrados e no alinhamento C.

Os trabalhos seguiram o método de decapagem horizontal.

Posteriormente, a escavação foi alargada, conforme a necessidade de se visualizar em área os elementos que íamos encontrando.



Nesta área existe uma elevação que se repete na chã, formando uma espécie de alinhamento de cinco montículos. Uma sondagem feita em outros dois mostra bastante pedra solta.

Em todos os quadrados, excepto no C3, apareceu muita pedra solta, pequena e média, originárias do derrube de estruturas que aí tenham existido.

Entre os quadrados C0 e D0 encontraram-se algumas pedras "in situ", formando uma pequena parede, no alicerce (local onde apareceu um rebolo granítico de mó manual).

No Qd. C2, e sobretudo no C1, detectou-se grande concentração de pedra, que, após o alargamento em área, se constatou prolongar-se por vários quadrados, formando um montículo alongado que continua para fora do sector (no sentido norte) e que se testemunha no corte estratigráfico 1 A.

Somente após a escavação de toda esta estrutura intencional de derrube (ali colocada pela população), encontrámos uma estrutura circular, no alicerce, que se prolonga pelos quadrados A0, A1, A2 e por uma pequena parte dos Qds. B1 e B2.

Encostada a esta, no Qd. B1, detectámos uma pedra granítica com vestígios de gotas de fundição de ferro (que foi retirada e guardada juntamente com o outro espólio no Gabinete de Arqueologia e Património) e, ao lado, a única peça de metal deste sector: uma fíbula variante do tipo "Santa Luzia".

### 6.1.2 As Estruturas

A estrutura circular detectada (Estrutura 1) é constituída por pedra granítica, com muito pouca participação de xisto. Pedra essa raras vezes aparelhada e consolidada com uma argamassa saibrenta, de coloração beije.

Foi elaborada em aparelho de tipo irregular, ou *opus incertum*, de paramento interno e externo e enchimento de pequenas pedras. A parede tem de espessura, em média, 50 cm.

O piso era feito com saibro amassado, formando uma espécie de argamassa igual à que consolidava a parede.

Na camada estratigráfica 1 e 2, dentro da Estrutura 1 e circundando-a, foram detectados muitos carvões que recolhemos para análise. Alguma terra foi posteriormente peneirada e outra guardada para flutuação.

Um factor com que não esperávamos foi a grande destruição do povoado. Destruição essa feita não pela erosão e pelo passar dos séculos (o que não teria destruído as estruturas até ao alicerce, pelo menos as que existiam nesta parte plana e elevada do povoado), mas pela mão humana, que foi utilizando este povoado como se de uma pedreira se tratasse, como nos foi confirmado pela população (que designa este local de Pedreira).

Neste sector, apenas uma muito pequena camada de terra, quase no solo de base, e um resto do alicerce da estrutura estavam "in situ".

### 6.1.3 A Estratigrafia

Foram analisados dois cortes estratigráficos, designados 1 A, no sentido norte-sul, lado leste, e 2 A, no sentido leste-oeste, lado norte. São caracterizadores de todo o sector escavado, apresentando camadas estratigráficas idênticas, em número de três, caracterizadas da seguinte forma:

1 - Camada de terra humosa, de textura fina, pouco compacta, homogénea, com elevados índices radiculares, de coloração acastanhada escura.

2 - Camada de terra de textura fina, compacta, homogénea, com menor índice radicular e alguns grânulos de granito (não aparecem no corte 2 A) de coloração acastanhada clara.

3 - Piso de ocupação em saibro amassado.

Existência de pedras de xisto e quartzo (só no corte 1 A).

A Estrutura 1 assenta no solo de base, assim como a fíbula, que se encontrava junto ao alicerce, numa zona sem remeximento. A cerâmica típica do povoado aparece indistintamente na camada 1 e 2, devido aos fenómenos pós-deposicionais de que foi alvo.

### 6.1.4 O Espólio

Ao contrário do que é habitual neste tipo de povoado, o espólio detectado, além de muito pobre, é escasso, chegando-se ao fim da campanha com 30 fragmentos de cerâmica, no Sector A, e 8 no Sector B.

No geral, temos uma cerâmica de fabrico micáceo, com desengordurante de mica de



grandes dimensões, pouco depurada, compacta, de coloração acastanhada, com cozeduras razoáveis, em atmosfera redutora, acabamento por alisamento e de fabrico manual.

Apresenta-se muito fragmentada e mal conservada, sem que seja possível definir formas exactas.

A decoração é praticamente nula, só nos restando um fragmento muito deteriorado, com decoração geométrica, em círculos.

À superfície encontrou-se cerâmica, em alguns casos um pouco mais depurada. Entre estas, um fragmento de cerâmica negra, depurada e com decoração geométrica, quase imperceptível, feita após a secagem da pasta, e vários fundos planos de tigela, além de um bordo de jarro.

Mesmo nas proximidades da Estrutura 1, interna ou externamente, não se detectou maior número de fragmentos de cerâmica, bem pelo contrário.

Como espólio pétreo há a referir rebolos de mó manual, sendo um deles em granito de grão médio (superfícies muito polidas, sendo a superior convexa, e base plana). Refira-se ainda a pedra (em granito de grão fino) com vários pingos de fundição, de ferro, em duas das faces superiores.

O espólio metálico deste sector resume-se a uma fíbula de bronze, que em termos tipológicos a classificamos como uma variante do tipo "Santa Luzia".

Em termos cronológicos e dado que a introdução deste tipo de fíbulas na designada área castreja se situa "nos finais do séc. V/ inícios do séc. IV a.C." (PONTE 1980, 114), tendo, no entanto, uma larga perduração, como o provam elementos datados de meados do séc. I d.C. (SILVA 1986, 189), apontamos, pois, a sua elaboração para o período compreendido entre a data limite de introdução referida e o séc I a.C..

O facto de apresentar uma forma de preensão da mola completamente diferente de todos os paralelos conhecidos para este tipo de fíbula<sup>(3)</sup>, indicará uma variante regional do designado tipo "Santa Luzia" e, eventualmente, um fabrico local.

## 6.2 O Sector B

Este sector localiza-se entre o "torreão" de vigia e o talude externo, na zona norte do povoado, onde se unem os dois taludes.

Implantou-se uma quadrícula de 10 x 4m, e iniciou-se a escavação "em xadrez", abrindo-se quadrados alternados, alguns na sua totalidade (A3, B0, B2 e B4), outros apenas um metro (lado leste — B1 e B2 — e lado oeste — A1), seguindo o método idêntico ao anterior, por decapagem horizontal.

Os quadrados foram abertos pela metade, do lado leste da quadrícula, com o objectivo primordial de definirmos um corte estratigráfico.

Os quadrados abertos até ao solo de base, na sua generalidade, excepto os Qds. A1 e B2, revelaram-se praticamente estéreis em termos de espólio, e completamente no caso de estruturas. Tal como no sector A, a potência estratigráfica é muito pequena, não excedendo também o meio metro.

Contudo, ofereceu-nos alguns problemas estratigráficos que talvez venhamos a resolver com uma escavação em área, pois, numa pequena altura de terra, aparecem-nos várias camadas que se misturam e alternam.

Outro factor interessante que suscita também algumas dúvidas são os cortes no saibro e as fossas. Uma delas, no quadrado B1 (escavado até à base), não forneceu qualquer material, apesar de termos peneirado a terra com malha muito fina e ter sido feita a flutuação.

Como se testemunha no corte 1B, no mesmo quadrado existe uma outra, mas muito irregular, que também não forneceu qualquer tipo de material.

Trata-se, sem dúvida, de uma área geologicamente muito rica, onde se verifica a junção de afloramentos graníticos com outros de natureza xistenta, evidente nos Qds. B3 e B4.

Outro elemento a referir é o facto de somente nesta área termos detectado alguns vestígios de ambiência romana, nomeadamente 4 fragmentos de ímbrice e 1 de tégula, muito deteriorados, e uma moeda romana, bastante mal conservada, que nos fornece uma cronologia "post quem" que aponta para a primeira metade do século IV d. C.

### 6.2.1 A Estratigrafia

Neste sector foi analisado um corte estratigráfico (corte 1B), no sentido norte-sul,

(3) A este respeito veja-se: PONTE 1980, 111-119.



lado leste, relativamente caracterizador de todo o sector, que apresenta, no geral, camadas estratigráficas idênticas, em número de três e, neste caso, em número de quatro. Caracteriza-se da seguinte forma:

1 - Camada de terra humosa, de textura pouco compacta, homogénea, com elevado índice radicular, de coloração acastanhada escura.

2 - Camada de terra de textura compacta, fina, homogénea, com baixo índice radicular, de coloração acastanhada clara.

3 - Camada de terra de textura compacta, fina, homogénea, com baixo índice radicular, de coloração acinzentada.

4 - Saibro de base.

À simplicidade estratigráfica do sector A opõe-se a complexidade deste, sobretudo na sua parte leste, uma vez que todo o corte do lado oeste tem uma formação geológica idêntica aos cortes do sector A. Aqui, especialmente nos quadrados B2, B3 e talvez na continuidade destes, existe uma grande mistura de camadas de textura muito fina e muito compacta, de várias colorações, mescladas.

Na área referente ao quadrado B 2, do lado oeste, a camada 2 sobrepõe-se à 1, o que evidencia a existência de fenómenos pós-deposicionais.

Facto ainda mais interessante é o de estas camadas intrusas no sector apenas existirem na área destes quadrados e depositadas, aparente e intencionalmente, no corte feito no saibro de base. Não foi atingido, este ano, o seu limite, nem em profundidade, nem em área.

### 6.2.2 O Espólio

Como referimos, este sector revelou-se muito pobre, tendo fornecido pouquíssimo espólio.

Aqui aparecem materiais tipicamente romanos: na camada 1, a moeda e a tégula e ímbrice. Os outros fragmentos de cerâmica, aparecidos na camada 2 e 3, são referentes a cerâmica indígena, de fabrico micáceo, já caracterizada.

A moeda é em bronze e trata-se de um *folli* de Constantino I, cunhada em Treveris, entre 309/310 e 313, muito raro nos catálogos consultados (RIC, 228/856; *Fouilles de Conimbriga*, 46, nº 1197).

### 6.3 O Sector C

Aproveitando uma parte do talude externo, que terá sido destruído em tempos idos, para

aí passar um caminho carreteiro que leva ao topo do monte, fizemos, no corte do lado oeste, uma pequena sondagem, que consistiu na verticalização, tanto quanto possível, da parede de terra e na limpeza do caminho, procurando horizontalizá-lo.

O corte estratigráfico daí resultante foi então desenhado e analisado. Devido ao seu comprimento foi necessário implantar quatro estações.

Foi possível, desta forma, confirmar o tipo de construção do talude, em terra com muito pouca pedra de granito que assenta no saibro e na rocha base. Rocha essa em granito calcoalcalino, porfiróide, de grão grosso. Possui uma coloração acinzentada e duas manchas oblíquas de granito de grão um pouco mais fino, de coloração amarelada, provavelmente pela intrusão de elementos ferrosos.

O corte do lado leste está muito destruído.

Este sector situa-se a sul do povoado, havendo a norte um outro caminho carreteiro, que também cortou o talude externo, muito próximo do sector B, que confirma o tipo de construção, em tudo semelhante.

A falta de várias camadas estratigráficas leva-nos a levantar a hipótese da construção do talude numa só fase, sem reconstruções profundas em épocas diferentes.

O corte tem uma potência estratigráfica, no seu ponto mais alto, de 3,20 metros - à cota de 266,11 (que é atingida aos 18 metros de comprimento) -, e uma extensão de 32 metros. O desnível é de 7,40 metros, estando o topo (inicial) a uma cota de 269,15 e o do fim à cota de 261,75. O ponto mais alto do talude situa-se a uma altitude de 266,11 metros.

## 7. SINALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO

A sinalização do povoado é feita através de placas indicativas do local. Estas são em número de quatro, em forma de seta, e sinalizam o caminho a tomar. Foram colocadas em pontos-chave, de acesso ao povoado.

A manutenção é feita por trabalhadores da autarquia, sob a nossa orientação. A primeira fase constará da distribuição de herbicida nos sectores intervencionados e em torno destes.

Após o término da escavação no Sector A, local onde, como vimos, foi detectada a única estrutura, procedeu-se à cobertura desta com um plástico reforçado por pedras.



Pretendemos, assim, defender o pouco que resta da estrutura para, logo que possível, passar-se à sua consolidação e reconstituição parcial.

Aliás, na altura que esta publicação vier a lume, já esta estrutura foi escavada na sua totalidade e restaurada (já foram feitas mais quatro campanhas de escavação arqueológica), seguindo um plano previamente elaborado em que as estruturas foram consolidadas e reconstruídas com a utilização da pedra original e as mesmas técnicas de construção, seguindo, pois, o mesmo tipo de aparelho e de paramento da estrutura.

Usamos o xisto para a elaboração da linha divisória da parte reconstituída dado que é também um mineral típico da zona.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se foi possível confirmar a monumentalidade deste povoado e detectar uma série de elementos inéditos, também podemos concluir que neste momento a escavação nos forneceu mais dúvidas do que certezas, devido aos elementos inéditos e sem paralelos e, também, porque só alargando as sondagens agora realizadas (fazendo uma escavação em área e sondagens noutros pontos) se poderá adquirir maiores conhecimentos, resolver dúvidas que uma campanha desta natureza ainda não comporta.

No entanto, após esta intervenção podemos reter alguns elementos:

- o tipo de cerâmica indígena de fabrico manual e micáceo. Embora não tenhamos um estudo formático, visto os fragmentos que possuímos não nos permitirem definir formas, nem usos, podemos, pelo contexto e pelo estudo da pasta, pôr a hipótese de ser caracterizador da Fase II da Idade do Ferro;

- a fíbula tipo "Santa Luzia", que pode encaixar-se dentro desta cronologia e porque foi detectada na base da Estrutura 1, pode também fornecer-nos uma cronologia relativa para esta construção. O seu tipo de fabrico e forma de prensão da mola, diferente dos paralelos conhecidos, poderá indicar-nos uma variante regional deste tipo e ter um fabrico local;

- o tipo de construção, de aparelho irregular, da Estrutura 1, de fabrico muito tosco;

- a não detecção, até ao momento, de mós rotativas mas rebolos de mós manuais;

- o tipo de construção das linhas de defesa em talude, provavelmente com fossos;

- o "torreão" de vigia;

- a coerência dos materiais encontrados;

- e o quase não aparecimento de espólio tipicamente romano.

Todos estes elementos indicam uma cronologia bastante antiga para este povoado, bem como uma muito fraca romanização - se a teve - e um abandono precoce.

Parece-nos que o facto de a via romana passar na base do povoado (situando-se aí um miliário de Augusto, datado de 11-12 d.C.)<sup>(4)</sup> foi um elemento de "expulsão" que forçou ao abandono do povoado.

## 9. BIBLIOGRAFIA

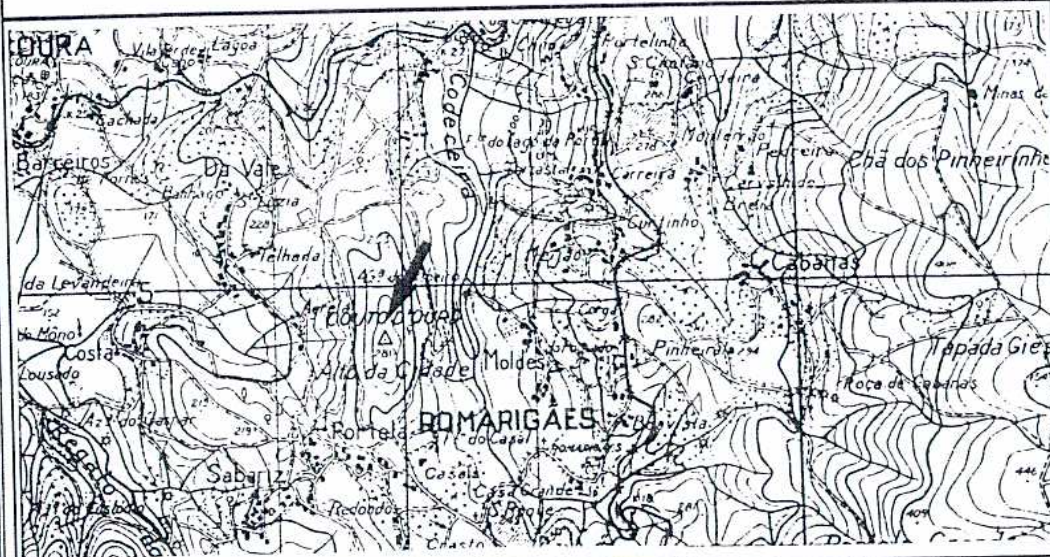
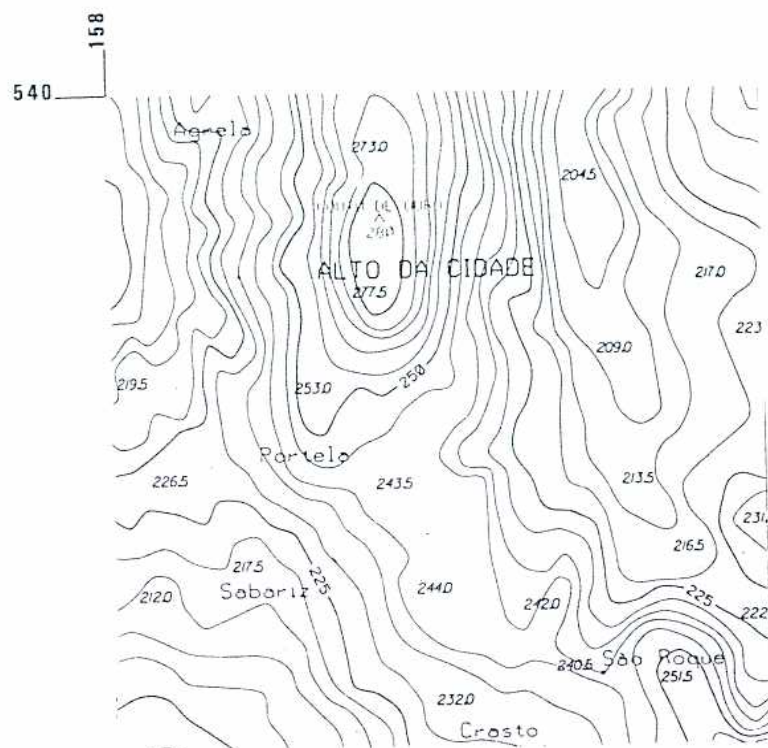
- CUNHA, Narcizo Candido A. (1909). *No Alto Minho. Paredes de Coura*. 1ª Ed. Paredes de Coura, (2ª Ed., 1979, Braga).
- MATTINGLY, H., E. A. Sydenham e C. H. V. Sutherland. (1967). *The Roman Imperial Coinage*. 7, Londres.
- PEREIRA, Isabel; BOST, Jean-Pierre; HIERNAND, Jean - *Fouilles de Conimbriga - III - Les Monnaies*. Paris, Diffusion du Bocard, 1974.
- PONTE, M. La Salette. (1980). A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Revista de Guimarães, 2, Guimarães, 111-119.
- SILVA, A. C. Ferreira. (1986). *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. M.A.C.S., Paços de Ferreira.
- SILVA, M. Fátima Matos. (1991). O Povoamento Castrejo em Paredes de Coura. *Boletim Municipal*, 3, Paredes de Coura.
- (1994a). Estudo, Conservação, Restauro, Dinamização e Divulgação do Povoamento Castrejo da bacia superior do rio Coura: primeiros resultados. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), Porto, 281-302.

(4) Actualmente colocado em frente da Quinta do Crasto, em Rubiães, e próximo da ponte romano-medieval que atravessa o rio Coura.



- (1994b). Carta Arqueológica do concelho de Paredes de Coura - uma perspectiva de arqueologia espacial. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), Porto, 477-499.
- SOUTO, Leão C. (1988). *Portugal Monumental*. II. Lisboa.
- TEIXEIRA, C. (1961). *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-C (Caminha, 1962)*. Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.
- VIEIRA, José A. (1886). *O Minho Pittoresco*, I, Lisboa, 121-141 (Valença, 1987 reedição).





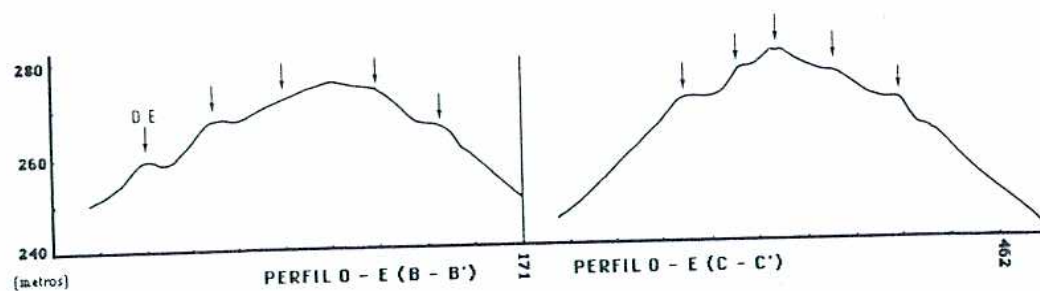
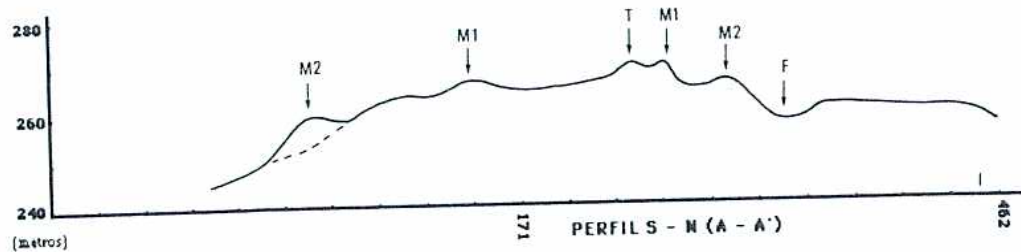
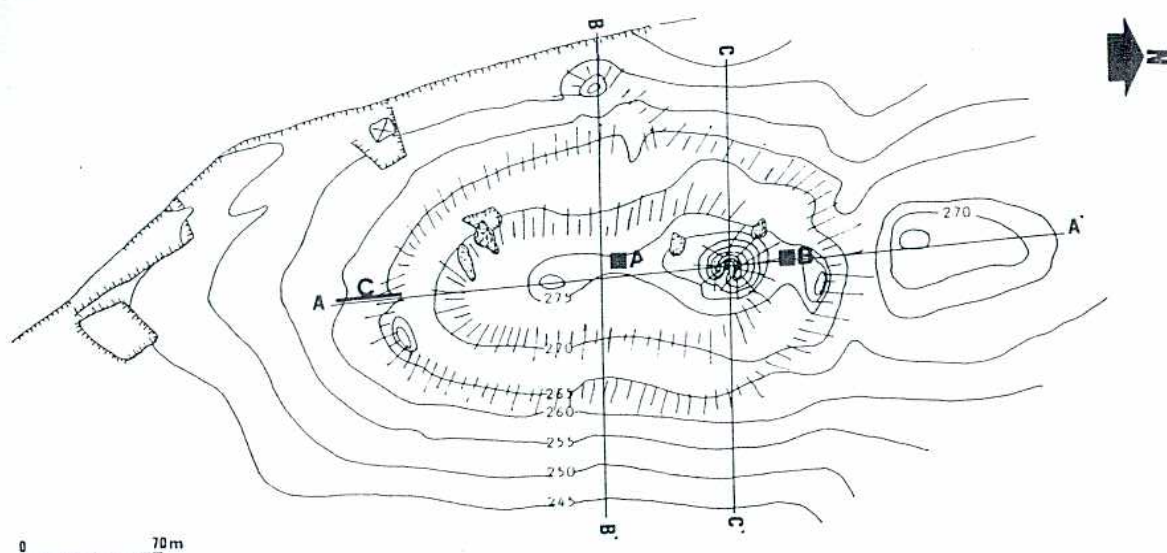
### Localização da Cidade de Romarigães

Ortofotomapa, 1:10.000

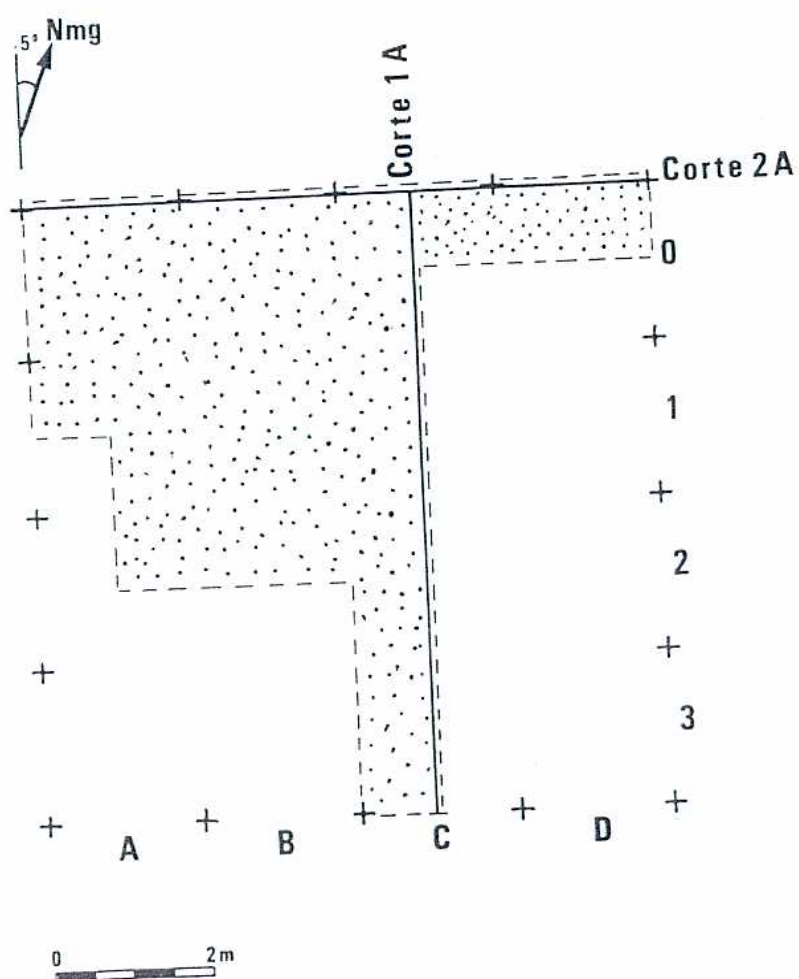
C.M.P. 1:25.000, Folha nº15, 1949





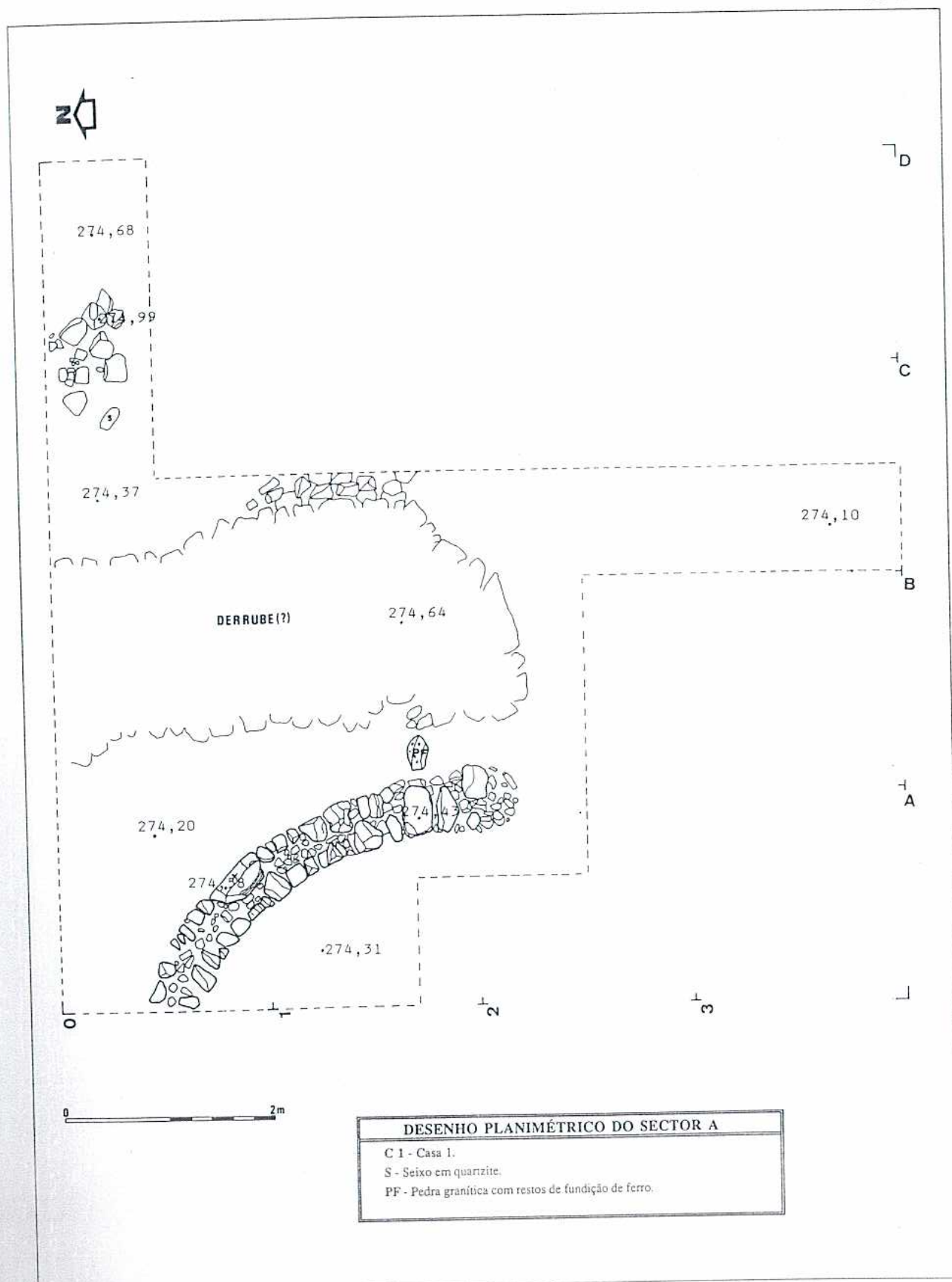




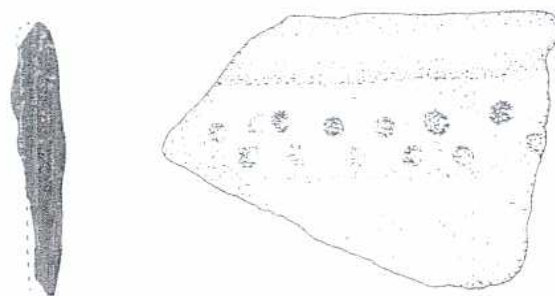


**PLANTA / QUADRICULA DO SECTOR A**  
 Com indicação dos quadrados intervencionados e dos cortes  
 estratigráficos analisados.



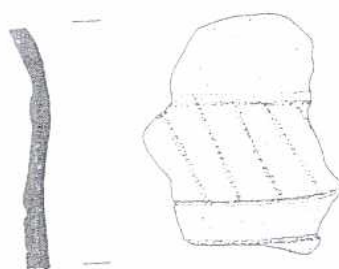
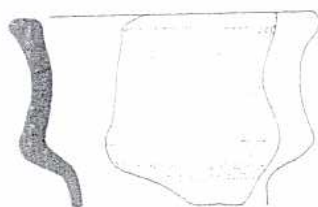






Bordo arredondado, saliente, com decoração geométrica por puncionamento e fundo plano (ROMA 92 A - 28 e 27)

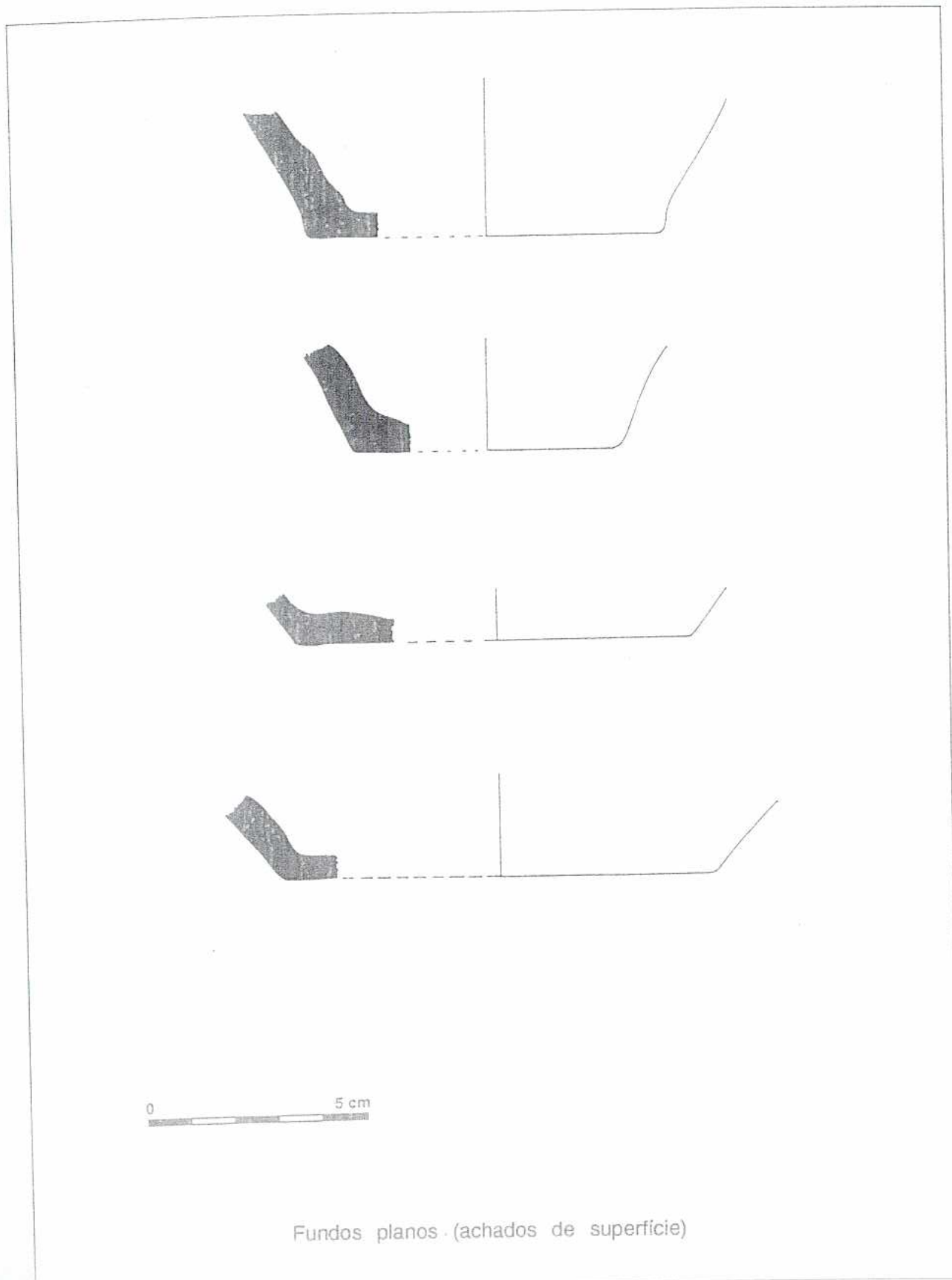




0 5 cm

Bordo aplanado, saliente; bordo espessado externamente, saliente  
e fragmento com decoração geométrica, incisa (achados de superfície)







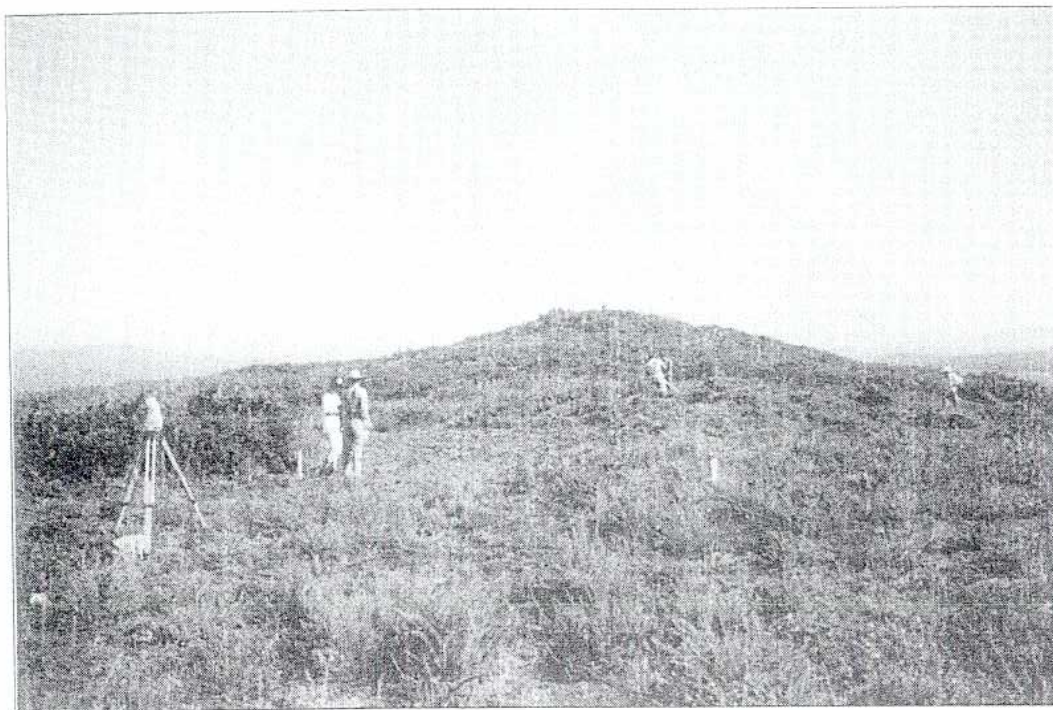


Foto 1 – Estado em que encontrava o povoado antes da campanha. Trabalhos de limpeza de vegetação e implantação da quadricula do SECTOR A.



Foto 2 – Início da sondagem da camada de destruição.





Foto 3 – Possível estrutura, no alicerce. Ao centro, o rebolo de mó manual.

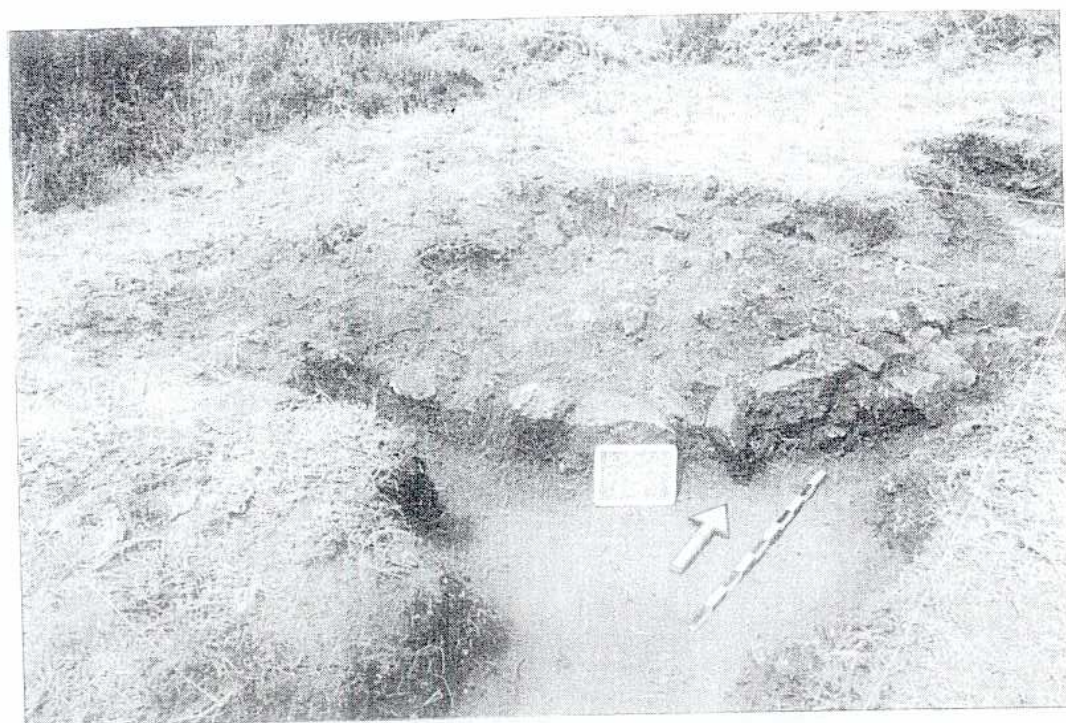


Foto 4 – Fase inicial da detecção da grande camada de pedra, asse-





Foto 5 – A estrutura designada CASA 1, externamente.

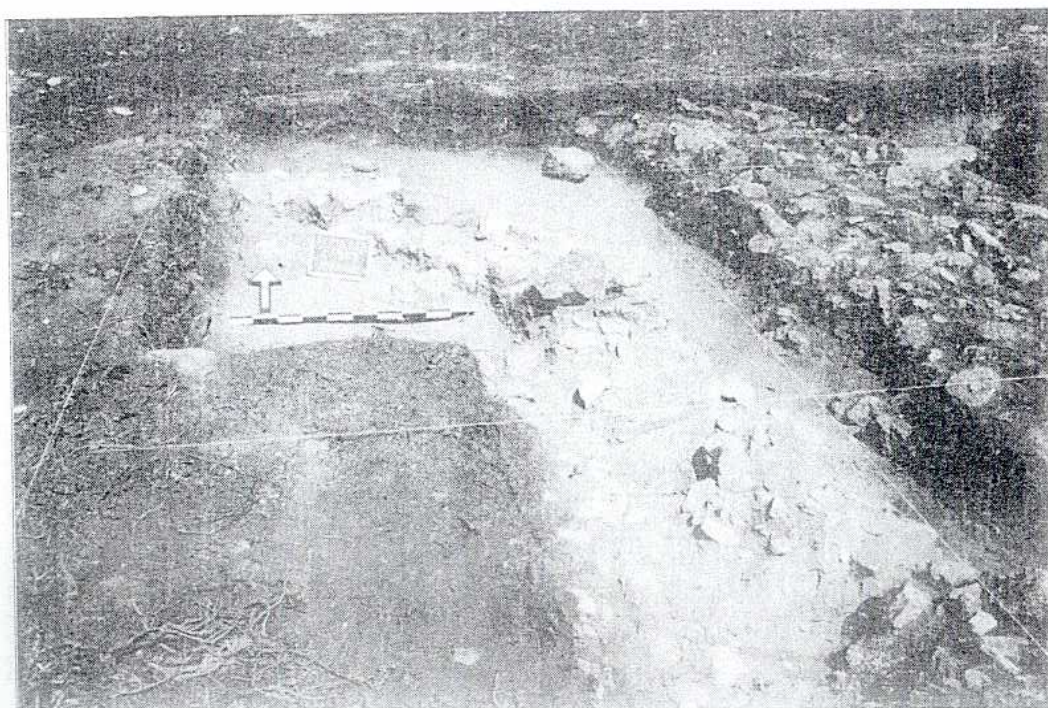


Foto 6 – A estrutura da CASA 1, internamente.





Foto 7 - A grande camada de derrube (?).

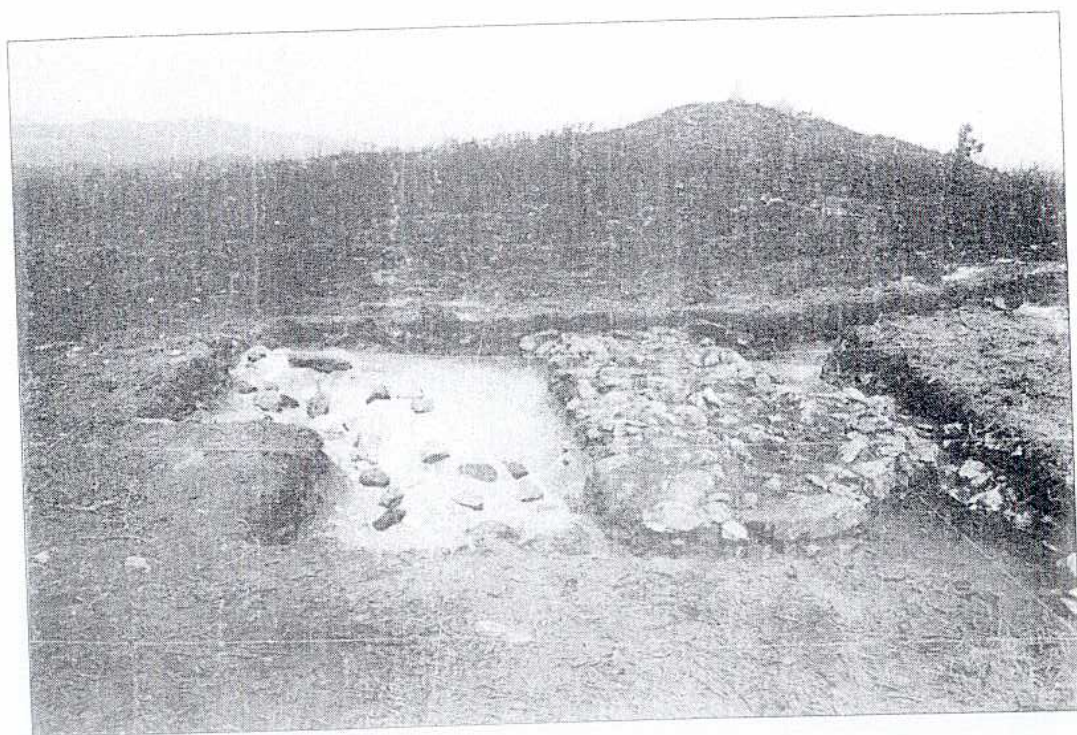


Foto 8 - O SECTOR A no fim da intervenção, com a estrutura da CASA.





Foto 9 – O corte estratigráfico 1A, aquando dos seu desenho e estudo.



Foto 10 – O corte estratigráfico 2A, aquando do seu desenho e estudo.





Foto 11 – Implantação da quadricula no SECTOR B.

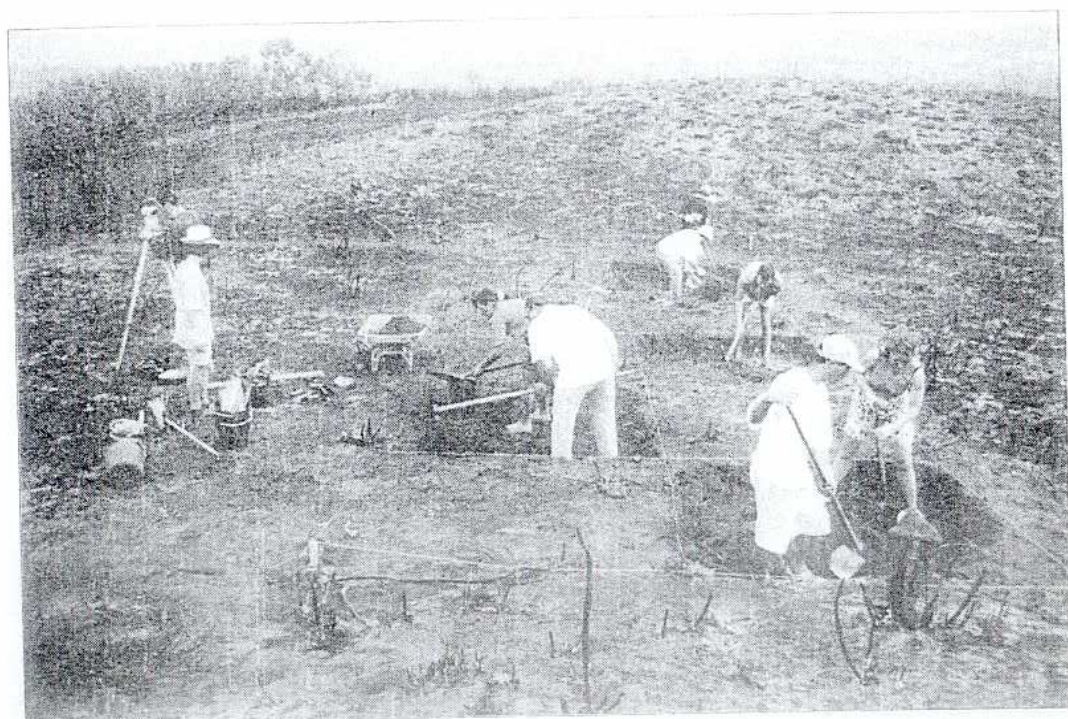


Foto 12 – Início da decapagem dos quadrados, alternados.



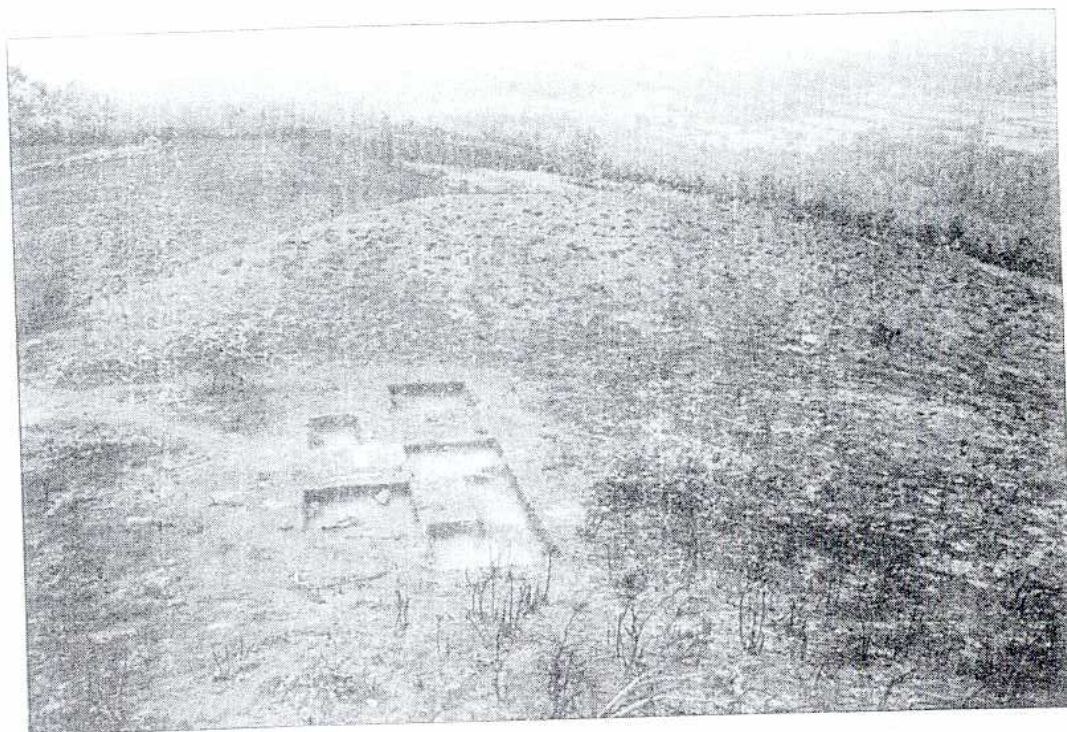


Foto 13 – O SECTOR B no fim da intervenção, vendo-se o talude de defesa.

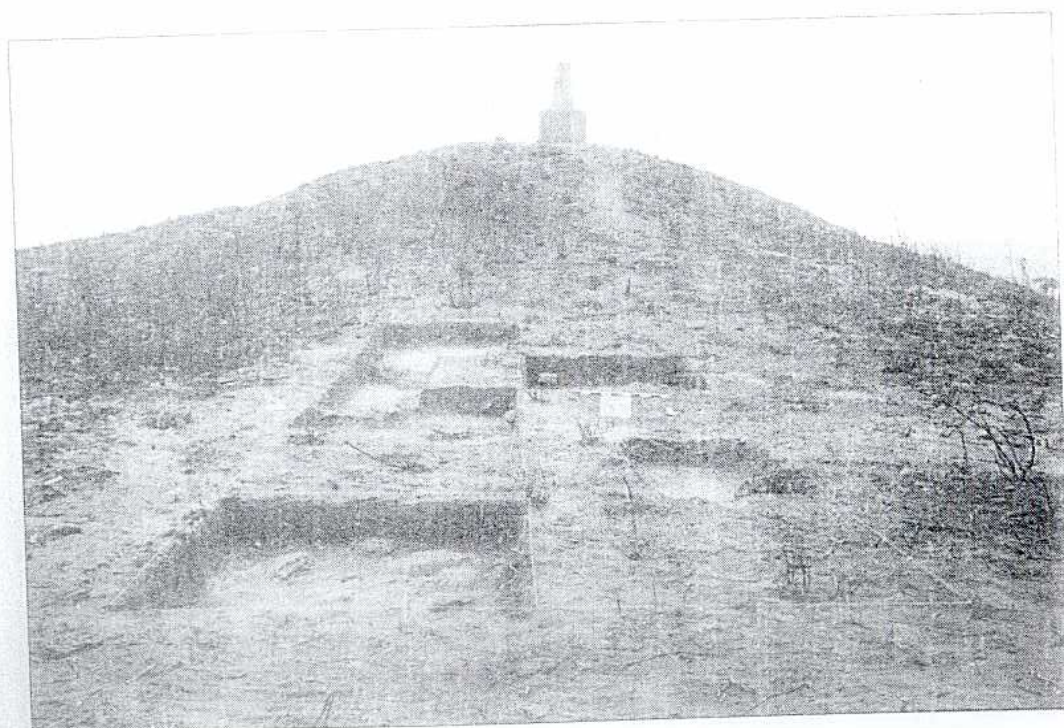


Foto 14 – O SECTOR B no fim da intervenção, vendo-se a Sul o “torreão” de vigia com o marco geodésico.



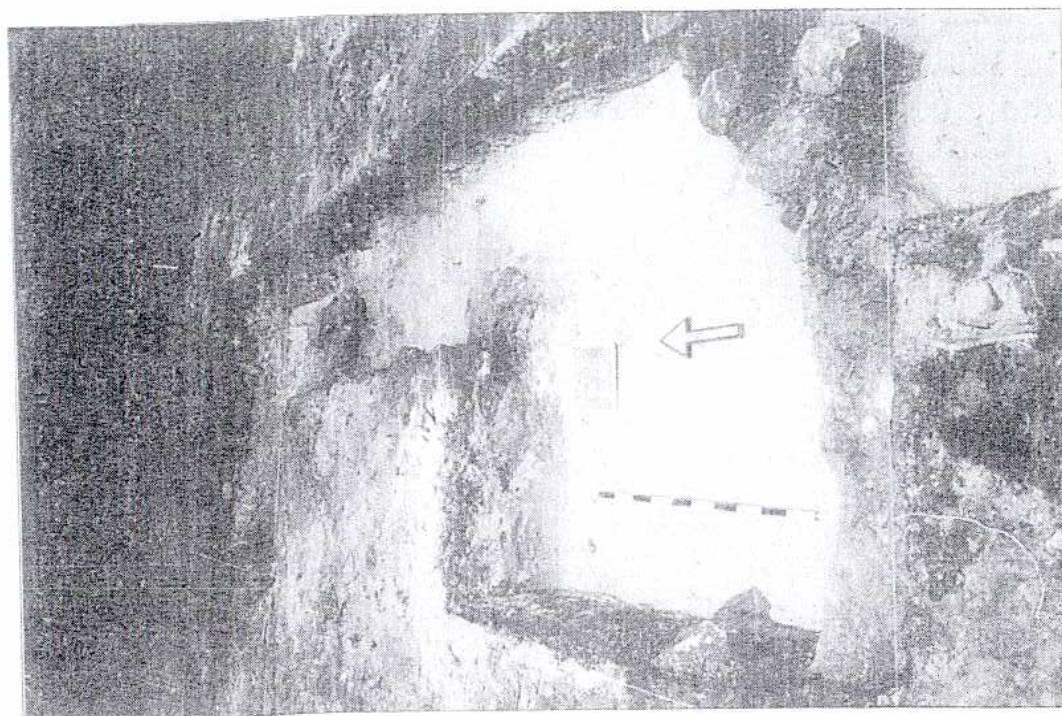


Foto 15 – O quadrado B2 com a sua complicada estratigrafia e o corte e rebaixamento no saibro.

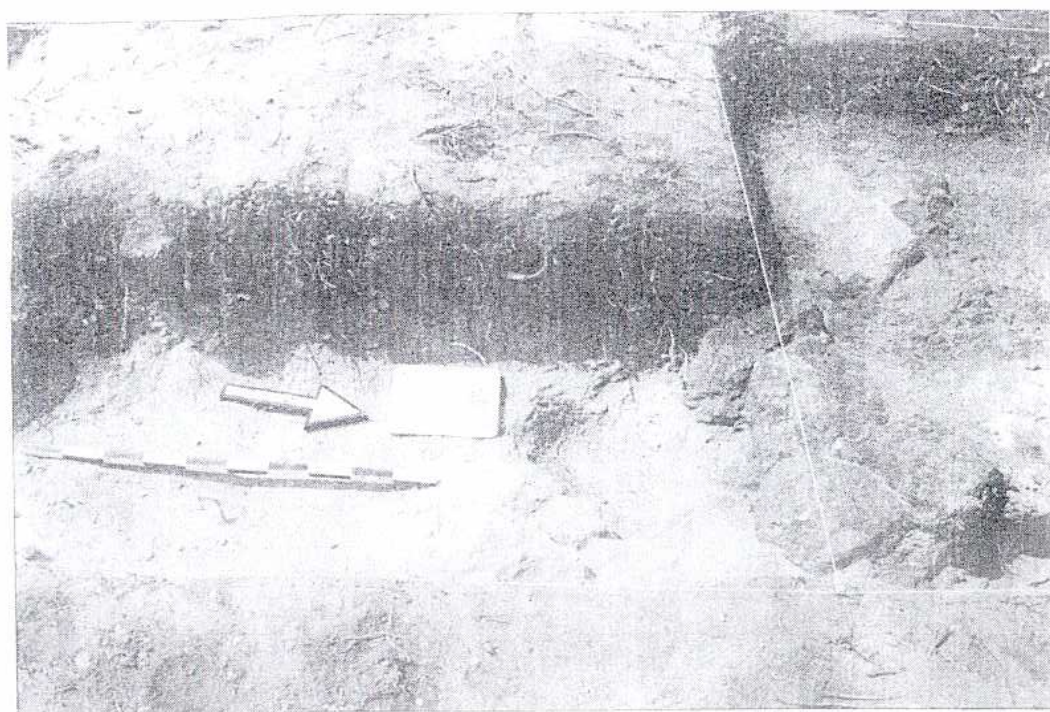


Foto 16 – O quadrado B1 com o corte no afloramento de xisto e rebaixamento no saibro em fossa.



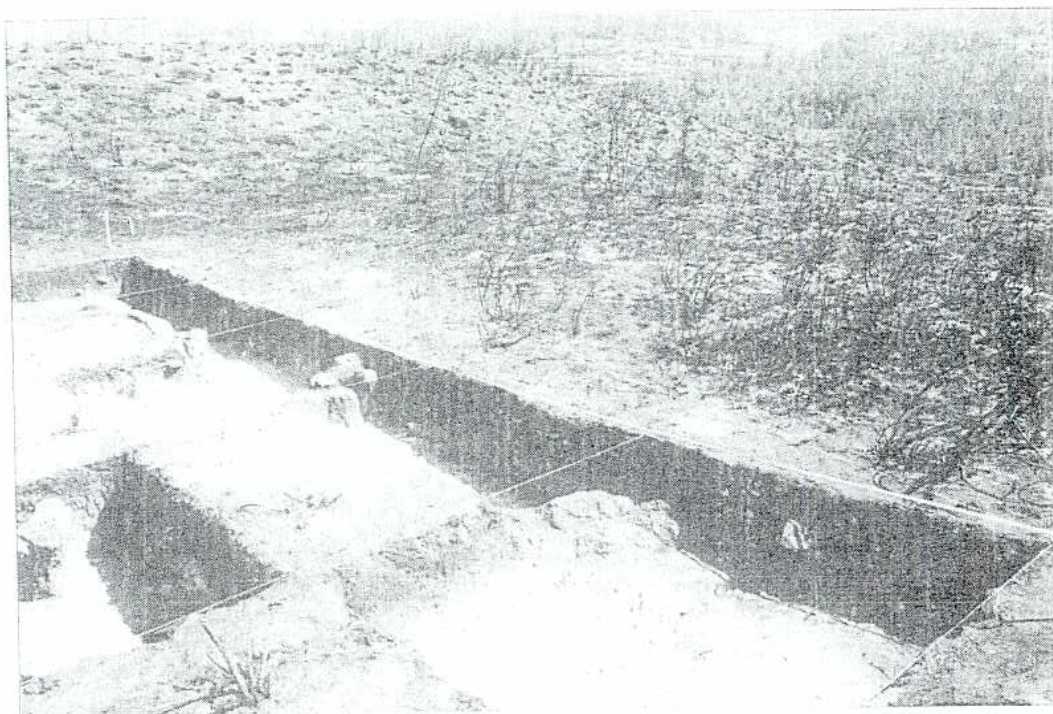


Foto 17 – O corte estratigráfico 1B.



Foto 18 – O SECTOR C. Desenho da parte superior do corte estratigráfico no talude externo.





Foto 19 – Desenho da parte inferior do corte estratigráfico, no talude externo.

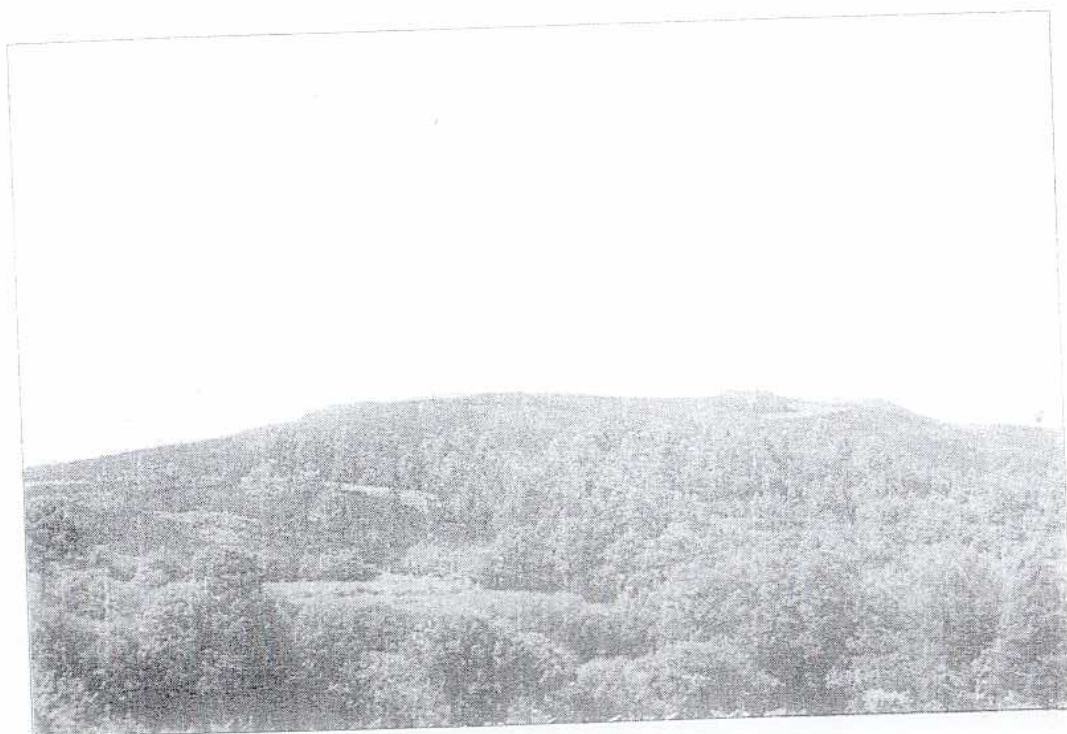


Foto 20 – A cidade de Romarigães, vista no sentido Sul-Norte, vislumbrando-se perfeitamente os dois taludes de defesa e o “torreão”.